

EDITORIAL

SET/OUT/1989 - Nº. 5

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

Defendeu Ellen White a Ordenação de Mulheres?



ARTIGOS

5 ESCOLA SABATINA: DOIS MÉTODOS DE ENSINO
Jean Gray

11 TORNANDO MEMORÁVEL O BATISMO DA JUVENTUDE
Léo Ranzolin

15 DEFENDEU ELLEN WHITE A ORDENAÇÃO DE MULHERES?
William Fagal

21 LEITE: CHEGOU O TEMPO DE DEIXAR?
Galen C. Bosley

26 RUMO A CULMINAÇÃO DE COLHEITA 90
Carlos E. Aeschilmann



Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;
Diretor de Arte: Urias P. Chagas; **Diagramação:** Jobson B. Santos; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere;
Colaboradores: João Wollf, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;
Capa: Werner/Casa

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.
2 O MINISTÉRIO/SET./OUT.1989

Estática na Pregação

Quando viajo, ponho um pequeno rádio em minha pasta. Sentado sozinho em um canto solitário do mundo, procuro às vezes ouvir alguma música e notícias locais. Muitas vezes, contudo, estou numa instituição da igreja, distante das cidades e dos transmissores de rádio, e o que consigo é, em grande parte, estático. Geralmente fico preocupado e sintonizo o aparelho por um momento, procurando evitar o ruído, mas se este é muito persistente, simplesmente desligo o rádio.

Na igreja, qualquer das várias formas de “estática” muitas vezes impede as pessoas de ouvirem as boas novas a respeito de Jesus. Essa estática pode ser adoradores pouco amistosos, um sistema de som deficiente, criança chorando ou um recinto abafado ou, também, frio ou quente. A estática que desejo focalizar aqui, porém, é a criada pela aparência física do pregador, sua roupa e seus gestos. Estas circunstâncias exteriores sempre causam alguma estática — elas sempre interferem em certo grau com o que o pregador está dizendo. Muitas vezes a estática se torna tão gritante que raramente a congregação ouve o sermão. E quando há muita estática, as pessoas simplesmente desligam o pregador.

Caso de circunstâncias externas

Pesquisas indicam que quando você prega, seus ouvintes são mais influenciados pelo que vêem do que pelo que você diz. O Dr. Albert Mehrabian, da UCLA, observou que 7 por cento do que os pregadores comunicam vêm de suas palavras, 38 por cento de sua maneira de pregar e 55 por cento da expressão de sua face e de seus movimentos corporais. Você pode não gostar disto, mas sua linguagem corporal pode falar tão alto que seu auditório dificilmente ouve seus sermões.

Agora, se o que as pessoas vêem em você reforça aquilo que você diz, tudo bem. O dilema surge quando sua comunicação exterior interfere com o que você está dizendo. Raramente você pode falar de elegância e disciplina pessoal enquanto se veste como uma cama desarrumada. Você nega muito do que prega sobre domínio-próprio, se estiver demasiadamente gordo. Você não pode descrever a alegria de seguir a Cristo, se prega de cara fechada.

Você pode dizer: “Mas eu não me importo muito com a aparência.” Tem a pregação algum significado para você? Se tem, então a aparência também deve ter, porque aquilo que o auditório está vendo pode falar tão alto que ele não possa ouvir o que você está dizendo.

Sua aparência física deve fazer Cristo parecer atrativo

O pregador de fisionomia pálida é um representante horrível do robusto Jesus. Os pregadores do sexo masculino que se parecem doentios ou anêmicos, criam uma estática horrível para os homens em sua congregação. O adolescente autêntico provavelmente reaja: “Tive que deixar o cristianismo, do contrário ele me tornaria assim!”

Seja mortífero quanto ao zelo, mas não se pareça às vezes com alguém que já morreu. Sua fisionomia é uma amostra do que você está pregando. Se houver um brilho em seu rosto, as pessoas procurarão crer em tudo o que está em seu sermão, pois acham que seguir aquilo que você diz as tornará como você.

Suas vestes não devem chamar a atenção

Não posso dizer-lhe se deve ou não usar no púlpito um relógio de ouro, óculos com armação dourada, um broche ou fivela cintilante, abotoaduras nos punhos ou um determinado tipo de penteado ou de barba. A regra é: os pregadores devem vestir-se de maneira que ninguém note. Se sua aparência é desleixada ou vulgar, as pessoas notam. Se é muito vistosa ou muito elegante, as pessoas notam. Se você se veste como as pessoas se vestiam 20 anos atrás ou como se vestirão daqui a vinte anos, as pessoas notam. Não faça barulho com suas vestes — vista-se de maneira que sua aparência não deponha contra sua mensagem nem interfira com esta.

Os pregadores não deveriam vestir-se muito diferente de suas congregações. Falando de nosso Senhor, o livro de Hebreus 2:17 diz: “Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos.” Moralmente, Jesus foi cabeça e ombros acima de todos nós, mas em todos os outros pontos Seu alvo foi estar associado com Seu povo, não separado dele.

Os três critérios para a vestimenta do pregador são limpeza, bom gosto e simplicidade. Ninguém o criticará jamais por ter os sapatos lustrosos e seu terno passado. Caso contrário, o formalista e o fastidioso em sua congregação podem ser tão agravados que dificilmente podem eles ouvir o que você diz. Contudo, você pode lamentar-se com respeito ao realce exagerado sobre a questão exterior, mas provavelmente resolva o problema muito mais depressa lustrando os sapatos e passando o terno.

Consideraremos o terceiro aspecto exterior, os gestos, em outro número.

Floyd Bresse

Escola Sabatina: Dois Métodos de Ensino

Embora como pastor ou esposa de pastor você possa não ter-se preparado para ensinar em uma classe da Escola Sabatina, muitas vezes precisa fazê-lo. Eis como você pode conservar o interesse de sua classe e apresentar seu material.

Quer os professores de seminário considerem boa a idéia quer não, os pastores e suas esposas muitas vezes são professores de classes da Escola Sabatina. Como no caso de seus equivalentes leigos, em geral eles não são professores treinados, mas desenvolverão a arte do ensino eficaz com o correr do tempo. Além de se tornarem, eles próprios, melhores professores, os pastores e suas esposas precisam desenvolver esta habilidade, a fim de que possam ajudar os bancários, contadores, mecânicos e secretárias, de suas igrejas, os quais se estão esforçando para encontrar os meios mais eficazes de apresentar semanalmente a lição.

Sejam seus alunos do rol do berço ou cidadãos idosos, membros novos ou adventistas da terceira geração, aprendem das mesmas maneiras: eles recebem a nova informação por meio dos cinco sentidos (audição, visão, olfato, gosto e tato) e processam essa informação; eles descobrem as novas aplicações pela informação aprendida anteriormente; desenvolvem o discernimento; e aumentam a percepção.

Princípios gerais

Como pode você, como professor da Escola Sabatina, facilitar o aprendizado? Aplicando os seguintes princípios gerais, você pode desenvolver seu ensino e animar seus alunos a aprenderem mais.

1. Despertar no aluno a necessidade de saber. Iniciar a classe com um exemplo interessante, uma pergunta retórica, uma citação, uma pergunta direta, um auxílio visual — alguma coisa que capte a atenção e desperte a curiosidade.

2. Torne relevante sua informação. Mostre como os princípios bíblicos se aplicam a nossa vida hoje.

3. Organize seu material com antecedência. Você pode querer seguir o plano da lição que está esboçado no Auxiliar do Professor ou fazer um novo plano a seu modo. O importante é ter um plano e segui-lo!

4. Repita os pontos importantes e acrescente-lhes impacto emocional usando exemplos e ilustrações. Isso ajudará a fixar as idéias na mente dos alunos.

5. Não sobrecarregue seus alunos. Lembre-se de que a maioria de nós só consegue utilizar de cinco a nove “porções” de informação de maneira confortável.

6. Use auxílio visual. Tanto para os adultos como para as crianças, os auxílios visuais podem despertar o interesse, dirigir a atenção, produzir entendimento e gravar na memória as lições. Os auxílios visuais incluem cartazes, gravuras, mapas e cartas, flanelógrafos, lousa, retroprojeter, slides e objetos práticos.

Quando usar os auxílios visuais, tenha em mente estes cinco pontos:

— Certifique-se de que todos na classe podem

Jean Gray

Esposa de pastor. Ajuda o esposo dando curso sobre Escola Sabatina em todos os departamentos.

ver o incentivo. Certifique-se de que ele é grande o suficiente para que os que estão no fundo da classe vejam, e não se coloque em frente dele.

— Fale sobre o auxílio visual enquanto você o está apresentando.

— Fale à classe — não ao incentivo.

— Não use demais o auxílio visual. Ele é um tipo de realce, mas se você procurar realçar muito as coisas, acabará não realçando nada.

— Seja cuidadoso quanto à distribuição de objetos. Enquanto as pessoas estão manuseando um objeto, talvez não estejam prestando atenção a você. E a atenção dos outros na classe pode ser dirigida para o que é admirado, porque o objeto está levando muito tempo para chegar até eles. No momento em que você coloca algo nas mãos de seus alunos, está-se arriscando a ficar sem sua atenção.

7. Cuide da sala! Vários estudos foram realizados recentemente sobre os efeitos do ambiente na educação. Esses estudos mostraram que o ambiente físico exerce pouco efeito sobre o progresso do aluno, mas exerce efeito considerável sobre o comportamento e a atitude.

Toda vez que meu esposo é mandado para um novo distrito pastoral, tenho gasto alguns sábados visitando os vários departamentos das crianças, procurando familiarizar-me com as crianças e líderes. Em certa igreja, encontrei um departamento infantil cuja assistência era irregular e as crianças eram barulhentas. Achei que havia várias razões para aquilo, e uma delas era a própria sala. Era feia e desordenada. As paredes eram pintadas de um verde monótono. O flanelógrafo estava inclinado descuidadamente para a parede, e as gravuras sobre ele colocadas, semana após semana, de maneira descuidada. As figuras e os outros auxílios visuais usados naquele departamento estavam espalhadas ao acaso por toda a sala.

Foi-me pedido que dirigisse aquele departamento no ano seguinte. A primeira coisa que fiz foi pintar a sala. Depois, preendi um quadrado de feltro a uma parede, no qual havia azul-celeste na parte superior, e verde (cor de relva) na parte inferior, de maneira que o cenário pudesse ser mudado cada trimestre. Em seguida, coloquei outro quadro em um cavalete, na parte da frente da sala, para ser usado para ensinar a lição, contar a história ou ilustrar o tema. Empacotei algumas outras decorações de acordo com a estação e organizei todos os auxílios visuais e outros materiais por ordem de uso.

No primeiro sábado em que as crianças entraram na sala renovada, pareciam sentir no ar uma diferença que ia além das mudanças visuais óbvias. A sala era a mais convidativa e interessante. O comportamento das crianças melhorou 100 por cento, e a assistência tornou-se mais regular.

Uma classe sem atrativo bem pode diminuir a eficácia de seu ensino.

8. Use outras fontes para aumentar o seu conhecimento do assunto que você está ensinando. "Ao servo do Senhor... convém... ser... apto para ensinar" (II Tim. 2:24). Livros de consulta, tais como dicionários bíblicos, concordâncias, várias traduções, compêndios bíblicos que descrevem a vida e os costumes em terras e tempos bíblicos, mapas e comentários ajudá-lo-ão a explicar a lição, ao fornecer informação, discussão encorajadora e pensamento estimulante.

Dois formatos básicos

Há dois formatos básicos para a classe da Escola Sabatina: a preleção e a discussão. Nenhum é certo ou errado. Um e outro pode ser eficiente e bem-sucedido, ou ineficaz e cansativo. O que faz a diferença? O professor! Se seu estilo pessoal adapta-se mais confortavelmente ao método da preleção, provavelmente você tenha dificuldade ao procurar manter uma discussão. Ao mesmo tempo, se você fica estático ouvindo uma palestra, mas gosta de uma boa discussão, então a discussão é o método para você.

A palestra

A palestra é, essencialmente, exposição informativa. A principal vantagem do método de palestra é que você pode transmitir uma grande quantidade de informações a um grande número de pessoas num curto espaço de tempo. Em comparação com a maneira de tratar da discussão, ao palestrar o professor retém grande parte do controle da classe.

A principal desvantagem do método da palestra é que os membros da classe podem não sentir-se envolvidos e muitos perdem o interesse. Todavia, se você se mostrar empolgado com a lição, logo seu entusiasmo será demonstrado em sua alocação — e uma apresentação animada e entusiasmada captará e manterá a atenção de seus alunos. Há alguns princípios importantes da boa apresentação:

1. Conheça seu material. O professor que se coloca diante de sua classe no sábado pela manhã e diz: “Não tive tempo de estudar a lição durante esta semana”, soçobra antes de começar. Podem ocorrer casos de emergência. Talvez você tenha ficado com gripe a semana inteira e não pudesse estudar. Nesse caso, procure alguém para apresentar a lição em seu lugar. É realmente de vital importância, especialmente quando se trata do método de palestra, que o professor conheça bem o material da lição. Faça um estudo geral no início da semana, depois comece a cavar mais fundo em áreas específicas. Aprenda mais sobre o assunto nos comentários bíblicos e nos livros do Espírito de Profecia. Procure material de reserva em um dicionário bíblico ou em mapas. Anote os pontos e citações importantes.

2. Comunique-se! Fale *com* seus alunos, não para eles. Seja direto e coloquial. Olhe para os membros da classe enquanto está falando. Seja entusiasta!

3. Pratique. Quando você está começando a ensinar, deve praticar sua apresentação em voz alta. Vá à igreja durante a semana; se possível, levando um amigo. Procure apresentar a lição para o seu amigo na sala onde você irá ensinar no sábado de manhã. Seu amigo pode dar-lhe valiosa colaboração sobre sua exposição. Está você falando suficientemente alto? Está fazendo gestos apropriados ou fá-los forçados? São claras as suas idéias? Está você procurando exhibir-se demais?

4. Conclusão. Muitos professores terminam a lição com as palavras: “Oh! é o último sinal! O tempo acabou e não chegamos ao final da lição novamente esta semana!” Esta espécie de conclusão deixa os membros da classe com um sentimento de tarefa não terminada. Se for usar o método expositivo, não se descuide do relógio ao praticar durante a semana. Você sabe de quanto tempo dispõe para o estudo da lição. Uma das vantagens do método expositivo do ensino é que ele pode ser cronometrado. A discus-

são pode desviar-se do assunto e não cobrir toda a matéria, mas não há razão para acontecer isso com a exposição.

É uma boa idéia resumir a lição ao concluí-la. Repetir os pontos principais ajudará a fixá-los na mente. Voltar à introdução, ajudará a unir a lição. Incluir uma citação ou exemplo na conclusão, dar-lhe-á maior impacto.

A discussão

A principal vantagem do método de discussão é o relacionamento entre o professor e os membros da classe, que ele proporciona. Quando os alunos trazem pontos que encontraram no estudo individual da lição, eles fornecem mais idéias. Os membros da classe são habilitados a ajudar-se mutuamente ao fornecerem exemplos da maneira em que os princípios bíblicos foram aplicados em sua própria vida.

A classe cria uma atmosfera segura, confiável e encorajadora para que os membros individuais suscitem perguntas, dúvidas ou problemas pessoais com relação ao que os outros membros podem ser capazes de fazer, a fim de estimular novo discernimento, esperança e coragem. Numa discussão, os alunos adquirem habilidade em expressar suas próprias idéias e sentimentos de maneira clara, e em avaliar as idéias dos outros.

A desvantagem do método de discussão é que ele é gastador de tempo. A discussão pode facilmente desviar-se do seu objetivo, e o professor não mantém tanto o controle como no método expositivo.

Há duas maneiras de o professor de Escola Sabatina apresentar uma Lição em sua classe. Veja em qual das duas você tem condições de sentir-se melhor.

O dirigente da discussão é mais um facilitador do estudo do que um professor. Sua responsabilidade não é tanto dar informação, como participar do processo do estudo, gerando cres-

cimento tanto para o professor quanto para os alunos. Contudo, a boa discussão não acontece por si mesma! A arte da discussão deve ser aprendida e praticada — fazer simplesmente as perguntas que se encontram na lição durante o trimestre, não é suficiente. O dirigente da discussão bem-sucedido, estuda toda a lição durante a semana e planeja a discussão tendo na mente os pontos principais da lição. O tipo de perguntas que ele fizer, determinará, em grande parte, as perguntas dos alunos.

Há dois tipos básicos de perguntas. As *perguntas convergentes* exigem fatos e respostas decorados. São perguntas para as quais o professor tem respostas premeditadas. As crianças do primário e em idade mais jovem gostam das perguntas convergentes de forma embaraçosa. Se você usa o método expositivo de apresentação, talvez queira fazer algumas perguntas convergentes sobre os tópicos das semanas anteriores, a fim de reforçar os princípios já apresentados.

Perguntas divergentes são aquelas nas quais as respostas dependem da informação e imaginação do aluno. Não há respostas certas ou erradas para estas perguntas. Elas vão além da simples lembrança de fatos que devem relacionar, aplicar, analisar, sintetizar ou valorizar a informação e que devem criar nova informação. As perguntas divergentes desafiam os alunos a pensarem além do nível da memória cognitiva.

Para aumentar suas habilidades em perguntar:

1. Esteja disposto a gastar o tempo e o esforço necessários para desenvolver esta importante habilidade.

2. Estude suas perguntas principais. Isto ajudará a manter a classe progredindo sistematicamente e evitará muito desvio do assunto.

3. Tenha em mente um propósito definido para cada pergunta. Por que está você fazendo a pergunta? Que resposta espera você?

4. Conceda tempo para seus alunos responderem! E não responda às suas próprias perguntas. Alguns professores sentem-se tão mal com o silêncio que se lançam sobre a pausa e respondem suas perguntas sem dar aos seus alunos tempo para pensarem. Lembre-se: os membros de sua classe sentem-se tão mal com o silêncio

quanto você. Se você não se apressar em falar, alguém interromperá o silêncio. E seu objetivo não é levar seus alunos a pensarem?

5. Conheça muito bem o conteúdo de seu assunto para que você possa dosar suas energias e seja mantida livremente a discussão, adaptando-se aos comentários e perguntas do aluno.

6. Construa sobre as contribuições. Use as respostas e comentários dos membros da classe para formular mais perguntas e dar origem a novas idéias.

7. Anime os alunos a comentarem as respostas uns dos outros e a fazerem perguntas uns aos outros.

8. Medite sobre as perguntas dirigidas a você, ao voltar à classe. Você pode dizer: "Esta pergunta é interessante. Alguém tem alguma idéia sobre isto?"

9. Não ponha fim à discussão ao criticar ou ignorar a resposta de um membro ou ao interromper o comentário de um aluno.

10. Na medida do possível, mantenha os membros sentados em círculo ou semicírculo. Esta disposição encoraja a participação.

Lidando com o conflito na classe

Como lidar com a criança indisciplinada ou o adulto birrento?

O comportamento incorreto da criança pode originar-se de várias fontes. Talvez ela tenha um pequeno período de atenção; pode estar cansada ou com fome; pode estar sentindo falta de atenção do adulto, mesmo atenção negativa; ou pode achar que deve exibir-se para ser aceita por seus pares.

Certifique-se de que sua apresentação é interessante, e entusiástica sua transmissão. Procure envolver sua criança-problema. Fale diretamente a ela e chame-a pelo nome. É um princípio da natureza humana que cada um de nós gosta do som do seu próprio nome! Peça que um auxiliar adulto ponha no colo uma criança pequena ou se assente perto de uma criança mais velha. Peça à criança que o "ajude" a ensinar a lição pondo no feltro uma gravura ou segurando seu material. Procure tornar-se amigo da criança fora da classe. Seja firme em insistir que a criança não deve interromper nem perturbar os outros, mas não procure descon-

certar ou envergonhar a criança que está cooperando.

Se nada disto der certo, fale em particular com os pais da criança ou com o adulto que está trazendo a criança à Escola Sabatina. Pode ser que a mamãe ou o papai tenha que visitar sua classe durante alguns sábados. Cuidado para não envolver muito os pais — às vezes o pai é mais problema do que a criança e será ríginoso demais ou indulgente demais ou pode até interromper sua classe mais do que a criança. Mais importante: ore por sua criança-problema! Peça ao Senhor que lhe conceda uma atitude de aceitação em lugar de uma atitude de rejeição, mesmo para com a criança da qual você possa não gostar. Lembre-se de que as crianças de sua classe aprenderão muito mais da espécie de pessoa que você é, do que de qualquer coisa que você diga.

É provável que o professor de uma classe de adultos encontre alguma pessoa-problema também. Em primeiro lugar, pergunte a você mesmo o que há com essa pessoa que o incomoda. Sempre traz ela assuntos controvertidos? Se for o caso, lembre-se de que a controvérsia não é necessariamente má. Os fundadores de nossa igreja muitas vezes estavam em controvérsia uns com os outros. De seus conflitos veio maior compreensão e unidade de propósito. Algumas pessoas experimentam maior crescimento espiritual quando participam de uma discussão estimulante, debatendo-se em torno de idéias controvertidas. Gostaria que cada igreja tivesse uma classe de Escola Sabatina dirigida por um professor que não se sentisse ameaçado pela discordância de pessoas que são orientadas para uma discussão vigorosa.

Às vezes, porém, tal classe pode tornar-se tão argumentativa que nada se consegue, e o resultado é a divisão. Exige um líder de pulso o recompor uma classe quando esta começa a fragmentar-se. O professor precisa estudar as perguntas e respostas que abrandam o fogo e lembrar aos membros que eles fazem parte de uma família que tem um alvo — conhecer melhor a Jesus. Pode ser necessário dividir a classe, indicando aos membros classes diversas — contudo, se os adultos se recusarem a mudar de classe, naturalmente você não pode forçá-los. Pode, não obstante, apelar a alguns membros para que apoiem um novo professor juntando-se à nova classe.

O professor da Escola Sabatina deve estar preparado não só para ensinar, com também para contornar problemas como o de um membro que tenta monopolizar as respostas ou cria alguma situação especial.

Seu problema pode não ser toda a classe, mas apenas uma pessoa que é contestatória e discordante. Neste, como no caso da criança mal comportada, lembre-se de que sua atitude para com a pessoa-problema produzirá um grande impacto sobre os membros de sua classe. Eles o estão observando para ver como você lidará com a situação. Se você se sente constrangido, eles se sentirão constrangidos. Você não pode levar o contestador a assumir a direção de sua classe, mas também não pode ser grosseiro. Como professor, você é um modelo de atribuições para sua classe. Os cristãos jamais têm o direito de criticar, envergonhar ou desconcertar alguém publicamente! Uma situação difícil? Certamente. Mas o Senhor prometeu: “Eu serei com a tua boca, e te ensinarei o que hás de falar” (Êxo. 4:12).

Você pode dizer algo como: “Não podemos gastar o tempo da classe para discutir estas coisas agora, mas, se quiser procurar-me depois da classe, podemos marcar uma hora para nos reunirmos e falar mais sobre o assunto.” Procure convidar seu amigo loquaz para ir a sua casa em alguma noite. Você leva a vantagem e pode controlar melhor a conversação quando está no território de sua própria casa. Sirva algum refresco para conservar a amizade da visita. Pode ser que a coisa de que a pessoa-problema necessite mais seja simplesmente um amigo, alguém a quem ela possa expressar seus sentimentos e idéias.

Aprender pela observação

Uma das melhores maneiras de desenvolver o seu ensino é observar outros professores bons. De quando em vez, peça ao seu

vice para substituí-lo enquanto você visita outra classe em sua própria igreja ou em outra.

Dave é um dos melhores professores que conheço. Sua profissão é consertar computadores. Ele possui mente analítica e, devo confessar, fiquei em dúvida quanto à espécie de professor que ele seria quando aceitou a responsabilidade — mas, em seis meses, sua classe se tornou a maior da igreja. A classe de Dave atrai a pessoa que deseja tomar parte em uma discussão vigorosa, de preferência ao membro que deseja ouvir a exposição.

Ao analisar o ensino de Dave, tenho prestado atenção tanto em seus característicos verbais como nos não verbais. Os membros de sua classe diferem grandemente no aspecto demográfico — idade, ocupação e educação — e, em certo grau, diferem em pontos de vista teológicos desde conservadores até liberais. Sejam positivos ou negativos os sentimentos que eles expressam, Dave os aceita sem humilhar a ninguém. Ele incentiva os membros da classe a falarem, e usa o bom humor para relaxar a tensão quando a discussão corre perigo de tornar-se muito acalorada.

Dave costuma parafrasear (repete a idéia em suas próprias palavras) para tornar claras idéias expressas por membros, e não diz a ninguém que ele está “errado”, embora não concorde com suas idéias. Ele expressa suas próprias idéias e usa perguntas para deixar os

membros mais calmos. Ele determina: “João, leia, por favor”. Em sua classe, a resposta do aluno é importante — ao iniciarem os membros a discussão, muitas vezes, — mas nenhum membro monopoliza.

Eu estava interessada em ver como Dave dirigia a classe, num determinado sábado, quando um visitante tomou conta da discussão. Sempre que aquele homem queria falar, Dave permitia polidamente e ouvia, mas o interrompia antes que ele monopolizasse. Tanto por meios verbais como não verbais (girar o corpo, o movimento dos olhos, gestos) controlava ele o andamento da conversação. Todos os que desejavam falar, tinham oportunidade e, quando a discussão se tornava um pouco acalorada em um ponto, a classe terminava com uma nota positiva.

Procure um professor a quem você realmente admire, um professor que o inspire, um professor cujo estilo seja semelhante ao seu. Analise o que ele ou ela está fazendo verbal e não verbalmente, como fiz ao descrever Dave. Veja depois qual das técnicas desse professor pode você usar em seu ensino.

Dessa forma, ensine, estude, escave, prepare, pratique, ore e “a palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria” (Col. 3:16).

Tornando Memorável o Batismo da Juventude

O que você pode fazer para tornar o evento mais significativo da vida dos jovens tão importante quanto o é realmente.

Recentemente assisti a um *bar mitzvah* — cerimônia que inicia os meninos de 13 anos de idade nos deveres e responsabilidades da religião judaica. Tanto a previsão como o preparo do candidato para o programa e a liturgia em si, deixaram-me emocionado. Os pais e demais parentes tornaram aquela experiência o acontecimento mais importante da vida daquele jovem. Ele era o centro das atenções de sua família e da sinagoga. Toda a cerimônia

o impressionou com a certeza de que ele era necessário, de que ele fazia parte do conjunto.

Enquanto voltava daquela cerimônia impressionante, comecei a pensar em nossos próprios jovens. Quando os batizamos na igreja, quanta atenção lhes dispensamos? Tornamos esse evento a experiência mais inesquecível de sua vida? Fazemo-los sentir-se importantes?

Lamentavelmente, os batismos muitas vezes parecem não ser tão importantes para nós. Incluímo-los ao acaso no boletim, e comprimimos



Pastor Léo Ranzolin
Associação Geral

a própria cerimônia entre os anúncios e o começo do culto. Num momento a congregação está atenta a um anúncio sobre o acampamento da igreja; no momento seguinte, as cortinas se abrem e o pastor e um jovem ali estão parados, prontos para começar, sem gastar nenhum tempo. O pastor diz o nome da pessoa, pronuncia algumas palavras bonitas e depois a submerge. Em seguida, a cortina se fecha e o serviço de culto continua como de hábito.

Idéias de celebração

Com um pouco de planejamento e esforço, podemos tornar os batismos mais significativos do que aquilo que foi dito. Se o batismo for realizado durante um serviço especial na igreja, cada família representada no batismo pode tomar parte na decoração do santuário. Flores na plataforma e bancos tornarão mais memorável a ocasião. Depois da cerimônia batismal, leve os batizados para o vestíbulo a fim de receberem os cumprimentos dos membros da igreja.

Num batismo a que assisti em um de nossos acampamentos na Europa, os jovens eram batizados em um grande tanque de água, decorado com flores, as quais lhe davam a aparência de um belo jardim. Antes do batismo, todos os acampantes formavam duas filas, uma de frente para a outra. Enquanto os acampantes cantavam, os pastores e os candidatos vestidos de branco marchavam entre as filas até o local do batismo.

Uma banda tocava vários cânticos religiosos e depois todo o grupo cantou um belo hino. Os que estavam sendo batizados formaram um círculo, e um menino e uma menina oraram. Um pastor, parente ou amigo leu uma pequena biografia de cada um dos candidatos ao batismo. Alternando com aquelas biografias houve música e o testemunho inspirado dos que iam ser batizados. Os batismos se seguiram aos dez ou quinze minutos do sermoneio do pastor, e o auditório cantou entre um batismo e o outro.

Como aquele serviço batismal, os batismos feitos ao ar livre podem tornar-se inesquecíveis. Muitos jovens — e adultos — preferem, por isso, o batismo ao ar livre, mesmo que a água esteja fria. Há alguma coisa no ambiente natural

que nos lembra o batismo do próprio Cristo. O Senhor nos aconselhou: "Sempre que seja possível deve ministrar-se o batismo num tanque limpo ou em água corrente. Dê-se ao ato toda a importância e solenidade que ele comporta. Essa cerimônia é sempre assinalada pela presença de anjos de Deus." *

Deve-se fazer preparativo cuidadoso, especialmente quando o batismo é realizado ao ar livre. Os membros da igreja podem ornamentar o local com flores, folhas de palmeiras ou com plantas que podem ser facilmente retiradas. Se o batismo tiver que ser realizado em um lago, um coração feito com flores pode rodear o jovem durante o batismo.

Tão logo os jovens sejam batizados, dêem uns para os outros um ramallete de flores. Se o dia estiver frio, eles devem vestir-se primeiro; caso contrário, podem continuar na água e receber as flores e os cumprimentos dos que estão assistindo. Deve-se dar ou enviar a cada um deles um certificado e um livro como recordação de sua decisão ao lado do Senhor.

Uma palavra de precaução: Cuide-se para que os jovens estejam vestidos de maneira adequada, tendo sob os roupões outras peças de roupa, especialmente se as vestes forem brancas; ou que sejam cobertos com uma capa ou toalha grande, assim que saiam da água. A negligência a estes cuidados pode deixar constrangidos os jovens e também tirar a reverência da ocasião.

Se os jovens que estão sendo batizados são membros do Clube dos Desbravadores, a direção do clube pode fazer uma cerimônia especial usando velas. As boas-vindas ao círculo de luzes pode dizer: "Sua luz agora faz parte de nossa luz. Seja bem-vindo ao círculo do amor e da amizade em Jesus Cristo." Designe a cada um, uma oração de sócio.

Um fim-de-semana de celebração

Vários anos atrás o Pastor Ademar Quint iniciou a realização de um batismo especial de primavera para os jovens de sua igreja. Logo toda a Divisão Sul-Americana se uniu na realização de um batismo da primavera. A idéia se espalhou, e hoje as igrejas de cada Divisão são convidadas a participar de uma Celebração

de Entrega Espiritual em setembro.

O cenário, por ocasião da cerimônia batismal do jovem, muito ajudará, no sentido de tornar duradoura a impressão causada na mente do candidato ao batismo.

A Celebração de Entrega Espiritual pode assumir muitas formas. Algumas igrejas dedicam uma semana inteira a este acontecimento especial; outras, apenas a reunião do culto do sábado de manhã. Outras ligam a reunião do culto a uma reunião à tarde. Uma celebração de Entrega Espiritual pode também fazer parte de um congresso de jovens, um acampamento ou um Acampamento de Desbravadores.

O envolvimento de toda a família de sua igreja em um fim-de-semana de celebração, tornará o batismo uma experiência que jamais será esquecida pelos jovens. Uma forma significativa de começar esse fim-de-semana especial é a realização de uma reunião de comunhão familiar. Um cenário especial pode contribuir muito para o impacto total da reunião. Se houver um auditório ou salão disponível, disponha as mesas na forma de uma cruz no centro do recinto. Use toalhas brancas, arranje o pão e o suco de uva de maneira agradável, e dê realce às mesas com velas.

Para a cerimônia do lava-pés, coloque as famílias sentadas ao redor da sala e cada uma sirva a outra. Durante a Ceia do Senhor, os pais e esposos podem servir os emblemas a suas famílias. Para concluir a cerimônia de maneira interessante, cada pessoa que está ao redor do recinto pode dizer algo pelo que se sente mais agradecida. Mesmo as crianças podem fazer isto.

A Escola Sabatina é uma ocasião ideal para um programa especial apresentado pelos Desbravadores e/ou o departamento dos jovens. Procure dar aos jovens o tempo necessário para prepararem o seu programa. O culto da igreja também deveria, na medida do possível, envolver os jovens, e o sermão deveria relacionar-se com o realce especial do fim-de-semana.

Você pode aumentar o companheirismo e a união desse fim-de-semana especial com uma

refeição fraternal. Anime os membros e visitantes a assistirem. Providencie para que haja abundância de alimento e talheres para todos e ninguém precise ficar excluído porque não estava prevenido.

O batismo e a celebração de entrega são realizados de maneira mais adequada no sábado à tarde após a refeição. Para solidificar a ligação entre as gerações, peça que alguns dos membros mais idosos contem como se tornaram adventistas. Depois, peça a alguns dos recém-batizados que dêem o seu testemunho sobre o que a igreja significa para eles hoje. Essas apresentações, intercaladas com música pelos membros de todas as idades, tornarão o batismo um acontecimento digno de ser lembrado por toda a família da igreja.

Uma social em família por toda a igreja é uma boa maneira de terminar esta celebração especial de fim-de-semana. Seu diretor de jovens da Associação tem idéias sobre brincadeiras que as pessoas de todas as idades apreciarão. Uma maneira muito boa de terminar a social é fazer com que todos os membros — jovens e idosos — dêem as mãos para formar um círculo em volta do recinto, e entoem juntos um cântico como "Há um lugar para todos na família de Deus". A oração final deve mencionar de modo especial aqueles que foram batizados um pouco antes naquele dia.

Ao planejar o batismo e a cerimônia especial da celebração que o acompanhará, não se esqueça de incluir os professores da escola da igreja, os da Escola Sabatina e os diretores dos Desbravadores. Muitas vezes, é na Semana de Oração da escola ou no acampamento dos Desbravadores que os jovens tomam a decisão inicial de batismo.

Preparo para o batismo

No *bar mitzvah* a que assisti, fiquei impressionado com a quantidade de tempo que os pais dispensavam estudando a Torá com o filho. Quando agradeciam a Deus durante a cerimônia, eles mencionavam como valeu a pena terem gasto aquelas longas horas estudando juntos.

O Departamento de Ministérios da Igreja da Associação Geral preparou um manual de ba-

tismo para que os pais possam estudar as doutrinas da igreja com seus filhos. O manual baseia-se nas vinte e sete crenças fundamentais, e será uma bênção não só para a juventude, mas para toda a família. Ele pode constituir a base do uso das horas do culto familiar para fortalecer a fé em Jesus.

Muitas vezes pensamos que, pelo fato de os jovens terem nascido na igreja, sabem tudo o que a igreja ensina. Nada pode distanciar-se mais da verdade. As pessoas responsáveis pelos jovens precisam apresentar-lhes assuntos como vestuário, modéstia, higiene, alimentação, recreação, vida social, casamento e música. E cumpre-lhes colocar Ellen White numa luz apropriada — não como alguém sempre negativo.

É um dever a realização de uma classe batismal, ao se prepararem jovens para o batismo. Normalmente os pastores já mantêm esta es-

pécie de classe na igreja ou na escola paroquial, iniciando-a muitas vezes logo após a Semana de Oração ou mesmo no início do ano escolar.

Ao visitar os jovens em seus lares, não deixe de informar-se sobre sua disposição para o batismo. Você terá também a oportunidade de começar a desenvolver o interesse pela Celebração da Entrega Espiritual.

A realização deste evento anual exige um pouco mais de planejamento do que simplesmente espremer um batismo entre a Escola Sabatina e o culto. Mas para os jovens que você batiza esta experiência se tornará a experiência mais inesquecível de sua vida — como de fato deve ser.

* *Evangelismo*, pág. 313.

Defendeu Ellen White a Ordenação de Mulheres?

Se não é possível encontrar nenhum apoio direto à ordenação de mulheres nos escritos de Ellen White, pode-se porventura encontrar evidência de que ela a defendeu, em suas ações?.

Que nos diz a história adventista com respeito a Ellen White e a questão da ordenação? Se ela não se referiu ao assunto como uma questão controversa, em seus escritos, e por esse motivo não endossou nem proibiu explicitamente a ordenação de mulheres (ver: "Exigiu Ellen White a Ordenação de Mulheres?" *Ministry*, dezembro de 1988), podemos por acaso descobrir-lhe a atitude, estudando suas ações? Este artigo examinará as declarações feitas com base em certos documentos e acontecimentos históricos, num esforço para ver se eles podem mostrar que ela defendia a ordenação de mulheres como pastoras ou anciãs. Algumas declarações-chave serão apresentadas no final.

Foi a própria Ellen White ordenada?

Não há nenhum registro de que Ellen White tenha sido ordenada em alguma ocasião por mãos humanas. Todavia, desde 1871 até sua morte, foram-lhe entregues credenciais ministeriais por várias organizações da igreja. Os certificados utilizados, diziam: "Ministro Ordenado." Vários dos seus certificados de credencial, desde meados dos anos 1880, estão ainda em nosso poder. No certificado de 1885, a palavra "ordenado" está quase apagada. No de 1887, o

certificado seguinte que temos, ela não está.

Teria ela sido ordenada nesse ínterim? Alguns têm dito que sim. A questão, porém, é resolvida por sua própria mão. Em 1909 ela preencheu um questionário para a Associação Geral. No item 19 do questionário, que pergunta: "Se ordenado, declare quando, onde e por quem", ela simplesmente escreveu um X. Esta é a mesma resposta que ela deu ao item 26, que perguntava: "Se casada outra vez, dê a data, e com quem." Dessa maneira ela indicou que jamais se casara outra vez, nem fora jamais ordenada. Ela não estava negando que Deus a havia escolhido e preparado, mas indicou que jamais fora realizada cerimônia de ordenação para ela.¹

Por que então algumas de suas credenciais dizem "Ordenada ao Ministério"? O fato de que a palavra "Ordenada" estivesse riscada, salienta a dificuldade de dar credenciais a um profeta. A igreja não possui essa espécie de credencial. Assim, ela usou aquilo de que dispunha, conferindo suas mais altas credenciais sem realizar uma cerimônia de ordenação. Na verdade, a profetisa não necessitava de nenhuma credencial humana. Ela trabalhou por mais de vinte e cinco anos antes de 1871, sem credencial alguma.

William Fagal
Diretor da filial White Estate na
Andrews University

Licenciamento de mulheres pastoras

Um certo número de mulheres recebeu licença ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia durante a última parte dos anos 1800 e começo dos anos 1900. A maioria delas eram esposas de ministros ordenados, e parece que muitas delas estavam empenhadas em trabalho pessoal semelhante ao de uma Instrutora Bíblica de hoje. Algumas exceções notáveis são Minnie Sype, Lulu Wightman, e parece que Ellen Lane, que trabalhavam com eficiência como conferencistas públicas. Até o momento, porém, não encontrei nenhuma evidência de que mulheres tenham desempenhado a função de dirigentes de igrejas. Mais adiante a pesquisa poderá lançar mais luz sobre o assunto.

O parecer da Sra. White quanto ao papel da mulher na obra ministerial não envolve ordenação pastoral, mas uma atuação em outros ramos da Obra.

Ultimamente alguns têm sugerido que as circunstâncias que cercavam o licenciamento de mulheres como ministras na Igreja Adventista do Sétimo Dia incluem uma ordem para a ordenação de mulheres hoje. Em resumo, o argumento é o seguinte:

O ano de 1878 testemunhou dois importantes acontecimentos: A princípio a igreja licenciou mulheres como ministras, e pediu que fosse feito um exame das candidatas à licença, uma vez que ficasse subentendido que o licenciamento poria as mulheres a caminho da ordenação. Ellen White tomou parte ativa no exame de qualificações de candidatos à licença, alguns dos quais eram mulheres. E pouco depois que a igreja começou a licenciar mulheres, ela concordou com a ordenação destas. Embora a proposta não fosse aceita, a Sra. White não se opôs a isto nem ficou aborrecida. Antes, defendeu mais tarde a ordenação de mulheres para os ministérios da igreja, e o pagamento a elas com o dízimo.

Há várias inexatidões neste cenário. Em primeiro lugar, Ellen Lane foi a primeira licencia-

da não em 1878, mas três anos antes, em 1875, ao mesmo tempo que a irmã Roby Tuttle.² Além disso, não houve as primeiras mulheres a receberem a licença ministerial. Essa honra parece ter pertencido a Sarah A. H. Lindsey, que recebeu uma licença da Associação de Nova Iorque e Pensilvânia, em 9 de agosto de 1871.³ A licenciatura dessas mulheres, portanto, não indica que a igreja daquela época pretendesse que o licenciamento de mulheres deveria levar à ordenação. A orientação de pedir um exame antecipado para licenciar alguém, veio sete anos depois que a primeira mulher foi licenciada, e a questão de ordenar mulheres não foi considerada senão em 1881, dez anos depois de sua primeira licença.

Em segundo lugar, não há nenhuma evidência absoluta de que Ellen White teve parte ativa no exame de candidatos a licença, fosse de homem ou de mulher. A afirmação de que ela o fez, baseia-se em dois tipos de evidência: 1) A Sra. White assistiu a sessões de certas Associações nas quais foi concedido licença ministerial a mulheres,⁴ e 2) ela escreveu o seguinte comentário acerca de sua estada em uma reunião campal em Oregon: “Não conseguia parar em pé ontem, pois o muito escrever, impedindo-me de atender as diversas pessoas que queriam licença; o falar em público e o mostrar a falta de habilidade de diversas pessoas para tentarem ensinar a verdade a outros, foi demais para minha resistência.”⁵

A declaração não diz que ela tomou parte nos exames ou, como querem alguns, que ela recomendou que alguns dos candidatos não recebessem licença. Ela apenas enumera coisas que Ellen White estivera fazendo, e não estabelece nenhuma ligação entre “atender” aspirantes a licença e “mostrar a falta de habilidade” de certos indivíduos não mencionados para ensinar a verdade. A falta de ligação entre esses dois elementos fica demonstrada pelo fato de que eles são separados por outro item da lista — “falar em público”. E nenhuma indicação há aqui, de que algum dos candidatos a licença fosse mulher.

Se “o mostrar a falta de habilidade de diversas pessoas para ensinar a verdade a outros”, da Sra. White, não estava no contexto de um exame para uma licença, então a que se referia? Uma possível sugestão ocorre mais tarde no mesmo parágrafo, onde ela descreve o seu sermão da noite anterior: “Apresentei aqui a

verdadeira santificação e o artigo espúrio que é tão comum.”⁶ Estaria ela rebatendo a falsa doutrina que já estava sendo ensinada ali, e mostrando a falta de habilidade dos que já a estavam ensinando? Não sabemos ao certo. Vai, porém, além dos fatos, declarar que a Sra. White disse aqui ter recomendado que certas pretendentes não recebessem as licenças.

O terceiro engano no cenário está na alegação de que a igreja considerou a ordenação de mulheres pouco depois de ter começado a licenciá-las, indicando assim que o licenciamento subentendia colocá-las a caminho da ordenação. Já mostramos antes que, em lugar de três anos (1878-1881), que corresponderiam mais ou menos ao tempo normal de hoje entre a licença e a ordenação ao ministério adventista, foi somente dez anos após ter a igreja começado a licenciar mulheres, que ela pensou pela primeira vez em ordená-las. E os acontecimentos que levaram a essa consideração, carecem de mais algumas explicações.

A sessão de 1881, da Comissão de Resoluções da Associação Geral, apresentou o seguinte, para consideração:

“*Resolvido*: Que as mulheres que possuem as necessárias qualificações para preencher essa posição, sejam, com todo o cuidado, separadas pela ordenação, para a obra do ministério cristão.”⁷

Após discussão na qual oito delegados trataram do assunto, a resolução foi remetida à comissão da Associação Geral.⁸ O envio à comissão é uma maneira de obter estudo mais cuidadoso de algo sobre que todo o corpo está inseguro. Também tem funcionado às vezes como meio de lidar com alguma coisa que não pasará sem ter sido discutida amplamente. Embora as sessões da Associação Geral fossem realizadas anualmente até 1889 (quando se tornaram bienais), nem a comissão nem qualquer outra entidade jamais rerepresentaram o assunto, até anos recentes. Aparentemente, a idéia de ordenar mulheres teve pouco apoio na igreja até o momento. Mas, deu-lhe apoio Ellen White?

O silêncio de Ellen White

A

Sra. White não estava presente na sessão de 1881 da Associação Geral. Certamente

ela leu o relatório das resoluções na *Review* poucas semanas depois ou ouviu a seu respeito, por intermédio de seu filho, W. C. White; não dispomos, porém, de nenhum registro dela, tendo algum comentário de uma forma ou de outra sobre o assunto. Daí ser mais difícil explicar a posição de que ela era favorável à ordenação do que a posição de que ela se lhe opôs. Os defensores da ordenação hoje, negam que seu silêncio emprestou aprovação ao tratamento do assunto. Eles dizem que o silêncio dela deve no mínimo ser visto como permissivo, à luz do seu incentivo às mulheres para tomarem parte na obra da igreja e de sua responsabilidade em advertir a igreja contra o erro.

O silêncio de Ellen White, por si mesmo, não promove nem impede a ordenação de mulheres. Se, porém, ela era favorável, por que não se pronunciou quando a igreja mudou de opinião sobre a ordenação de mulheres? Ela pode simplesmente ter achado que o assunto não tinha importância. Ou, se ela achava que a igreja não devia ordenar mulheres, pode ter deixado de fazer qualquer comentário por achar que não era preciso. Não havia necessidade de nenhum corretivo, porque a igreja não estava certa se devia ou não começar a ordenar mulheres.

Atitude semelhante tomou ela a princípio, com relação à crise do panteísmo, alguns anos mais tarde. Com relação àquela crise, que surgiu com a publicação do livro *Living Temple* (Templo Vivo), do Dr. John Harvey Kellogg, escreveu ela que:

“Mais ou menos pelo tempo em que foi publicado *Living Temple*, passaram ante mim, na calada da noite, representações que indicavam estar-se aproximando algum perigo, e que eu devia para isso me preparar, escrevendo as coisas que Deus me revelara, acerca dos princípios fundamentais de nossa fé. Foi-me enviado um exemplar de *Living Temple*, mas ficou intocado em minha biblioteca. Segundo a luz que me foi dada pelo Senhor, eu sabia que alguns dos ensinamentos defendidos no livro não traziam o endosso de Deus, e que eram uma cilada preparada pelo inimigo, para os últimos dias. Pensei que tal por certo seria percebido, e que não seria preciso que eu sobre isso dissesse o que quer que fosse.”⁹

Tivessem os líderes da igreja discernido o perigo dos conceitos encontrados em *Living Temple* e se voltado contra eles, evidentemente a

Sra. White teria dito alguma coisa. Seu silêncio, contudo, não teria sido permissivo no que tange ao panteísmo. Somente quando ficou claro que o erro estava conquistando terreno, ela se pronunciou.

Incumbida de protestar contra a injustiça

Se negar a ordenação a mulheres fosse (como querem alguns) arbitrário, injusto e opressor, deveríamos esperar que Ellen White dissesse. Ela declarou: "Recebi o encargo de não negligenciar ou passar por alto os que estivessem sendo tratados com injustiça. Foi-me especialmente recomendado protestar contra qualquer ação arbitrária ou despótica para com os ministros do evangelho por parte dos que tivessem autoridade oficial. Desagradável como possa ser o dever, devo reprovar o opressor, e pleitear justiça. Devo apresentar a necessidade de manter justiça e equidade em todas as nossas instituições."¹⁰

As mulheres que podiam ter sido atingidas pela resolução de 1881, foram licenciadas como ministras do evangelho, mas os oficiais da igreja não acharam conveniente permitir que fossem ordenadas. A Sra. White falou com veemência em favor de mulheres serem obreiras remuneradas e bem remuneradas, até do dízimo;¹¹ falou sobre a importância de se sustentar os ministros idosos;¹² protestou contra o tratamento desigual dispensado aos pastores negros;¹³ não disse nada, porém, quando a Associação Geral se negou a ordenar como ministras as mulheres licenciadas. Evidentemente, ela não via isto como "arbitrário" "opressor" ou uma questão de "justiça e equidade".

De novo, devemos ter cuidado em não exigir muito, baseados na questão do silêncio. Por enquanto, o silêncio da Sra. White sobre o assunto da ordenação deveria levar-nos a ser menos apressados em afirmar que ela deu apoio ou influiu na questão de levar mulheres ao ministério pastoral ordenado.

A alegação final do quadro que estamos examinando é que Ellen White exigiu que as mulheres fossem examinadas e que fossem pagas com o dinheiro do dízimo. Já examinamos os textos usados para dizer que a Sra. White exi-

giu que as mulheres fossem ordenadas ao ministério evangélico (ver "Exigiu Ellen White a Ordenação de Mulheres?" *Ministry*, dezembro de 1988) e verificamos que eles não fazem tal exigência. Contudo, devemos reconhecer que a Sra. White apelou para que mulheres fossem envolvidas em um ministério pessoal ativo, e que ela prognosticou o pagamento com o dízimo a obreiras que se dedicassem inteiramente a esta obra, "embora se não impusesse sobre elas as mãos da ordenação"¹⁴ Não há, porém, nenhuma base em seus escritos nem na história adventista, para se afirmar que a Sra. White defendeu a ordenação de mulheres para o ministério evangelístico.

O ponto de vista da Sra. White

Qual era então o ponto de vista da Sra. White quanto ao ministério das mulheres? Embora não haja indicação de que ela tenha feito apelo no sentido de que as mulheres servissem como anciãs ou pastoras ordenadas, ela apresenta uma perspectiva ampla de serviço para as mulheres na obra de Deus. Ela considerava as mulheres igualmente capazes de realizar uma grande obra para Cristo em contatos pessoais, levar a mensagem para este tempo aos lares e famílias. Reconhecia, e citou, as importantes contribuições que elas poderiam dar nas várias responsabilidades de liderança, bem como na igreja.

Por exemplo, ela defendeu o preparo de mulheres em nossas escolas. Falando de Avondale, escola recém-aberta na Austrália, disse ela: "É desígnio do Senhor que a escola seja também um lugar em que se proveja preparo nos trabalhos femininos. Após enumerar a inclusão de certo preparo doméstico e educacional, acrescenta: Elas "devem estar habilitadas a ocupar qualquer cargo que lhes seja oferecido — superintendentes, professoras de Escola Sabatina, instrutoras bíblicas. Devem estar preparadas para professoras na escola paroquial."¹⁵

Ela descreveu a importância da missão que as mulheres podiam desempenhar: "Admirável é a missão das esposas e mães e das obreiras mais jovens. Se quiserem, podem exercer uma influência para o bem em todos quantos as cercam. Pela modéstia no vestuário e a circunspec-

ção na conduta, podem dar testemunho da verdade em sua simplicidade. Podem fazer sua luz brilhar de tal forma perante todos, que outros vejam suas obras e glorifiquem a seu Pai que está nos Céus. Uma mulher verdadeiramente convertida exercerá poderosa influência, transformadora, para o bem. Ligada ao marido ela o pode ajudar em seu trabalho, tornando-se instrumento em animá-lo e beneficiá-lo. Quando a vontade e o caminho são postos em submissão ao Espírito de Deus, não há limites ao bem que se pode realizar.”¹⁶

Ao passo que a Sra. White realça aqui o ministério de uma mulher casada, as mulheres solteiras (“as obreiras mais jovens”) também são incluídas. Não é especificado o tipo de obra; incluiria certamente, porém, os vários ramos da obra já verificados. Ela diz que com a modéstia e a simplicidade, tendo a vontade e o caminho trazidos em sujeição a Deus, podem as mulheres deixar que sua luz brilhe, e exercer uma ilimitada influência para o bem.

Na escola de Cristo, as mulheres podem aprender a fazer um bom trabalho para Deus, caso se disponham a esse aprendizado.

Ministério pessoal

Em *Testimonies*, volume 6, Ellen White publicou um artigo intitulado: “As Mulheres Devem Ser Obreiras Evangélicas.” Talvez ele represente bem o seu ponto de vista sobre as mulheres como obreiras evangélicas realmente vinculadas. Nesse artigo ela acentuou a importância da obra pessoal em favor de outros, depois continuou escrevendo sobre a obra que as mulheres devem fazer, após falar sobre o que elas devem ser. “O Senhor tem uma obra para as mulheres, bem como para os homens fazerem. Elas podem realizar um bom trabalho para Deus, caso se disponham a aprender primeiro na escola de Cristo as tão preciosas e impor-

tantes lições de mansidão. Cumpre-lhes não somente levar o nome de Cristo, mas possuir-Lhe o Espírito. É seu dever andarem como Ele andou, purificando a alma de tudo o que contamina. Então serão capazes de beneficiar a outros, apresentando a toda-suficiência de Jesus.

“As mulheres podem ocupar seus lugares na obra nesta crise, e o Senhor operará por seu intermédio. Se estiverem imbuídas do senso do dever e trabalharem sob a influência do Espírito de Deus, elas conseguirão o domínio-próprio requerido para este tempo. O Salvador fará refletir sobre as mulheres que se sacrificam, a luz de Sua face, e isto lhes dará um poder que excederá o dos homens. Podem elas realizar nas famílias uma obra que não o podem os homens — uma obra que alcança a vida interior. Podem aproximar-se dos corações daqueles aos quais os homens não podem alcançar. Seu trabalho é necessário.

“Uma necessidade direta está sendo satisfeita pela obra das mulheres que se confiaram ao Senhor e estão prestando ajuda às pessoas necessitadas e afligidas pelo pecado. A obra evangelística pessoal deve ser efetuada. Levem as mulheres que receberam esta obra, o evangelho aos lares das pessoas pelos caminhos e valados. Leiam e expliquem a Palavra às famílias, com elas orando, cuidando das enfermidades, aliviando-lhes as necessidades temporais. Apresentem perante as famílias e indivíduos a purificadora e transformadora influência da verdade.”¹⁷

Assim, o centro de sua preocupação em favor das mulheres era que estas fizessem trabalho pessoal com mulheres e famílias. Se o fizessem no espírito correto, sob a influência de Cristo, “a luz de Sua face... lhes daria um poder que excederia o dos homens... Seu trabalho é necessário”.

Esta necessidade continua conosco ainda hoje. Embora alguns considerem essa necessidade como uma razão por que as mulheres deveriam ser ordenadas, a Sra. White vislumbrou mulheres realizando este ministério, sem fazer referência ao seu desempenho como anciãs ou pastoras ordenadas. Ela disse que tal ministério, quando corretamente realizado, é capaz de revelar um poder maior do que o dos homens. É trabalho nobre, necessário. Ao defender dessa maneira o trabalho das mulheres, não o diminuiu ela de forma alguma.¹⁸

Declarações como estas aparecem em muitos

lugares nos escritos da Sra. White.¹⁹ Seu ponto de vista é firme: sem defender a ordenação de mulheres como pastoras ou anciãs, ela insistia em uma participação vigorosa das mulheres, especialmente no ministério pessoal.

O ponto de vista de Ellen White quanto ao ministério das mulheres não requer nenhuma mudança na estrutura ou organização da igreja, embora sua execução revolucione a prática da igreja. Deve-se fazer um grande progresso na obra pessoal, tanto por obreiros de tempo integral como parcial, e por colaboradores voluntários. Se a obra fosse realizada no espírito de Jesus, as mulheres revelariam um poder maior do que o dos homens. Haveria uma explosão no número de membros ganhos para Cristo e Sua verdade, mediante o bondoso e apelante ministério das mulheres. Haveria restauração no relacionamento do lar, quando obreiras piedosas desafiassem os homens a refletir a abnegada supremacia de Cristo em seu próprio relacionamento com suas esposas, e as mulheres honrassem essa supremacia como honrariam a supremacia de Cristo. As famílias seriam fortalecidas e a igreja daria uma largada na estrada, para mostrar a um mundo repleto de famílias magoadas e despedaçadas que diferença faz a prática do domínio de Jesus.

1. Arthur L. White, "Ellen G. White the Person", *Spectrum* 4, 2 (Spring, 1972), pág. 7. O questionário está no arquivo, nos escritórios White Estate em Washington, d.C. Há uma fotocópia no Arquivo de Documentos 701 na filial da White Estate, na Andrews University.
2. *Review and Herald*, 26 de agosto de 1875, pág. 63.
3. *Review and Herald*, 12 de setembro de 1871, pág. 102.
4. Ver, por exemplo, *Review and Herald*, 12 de junho de 1879, pág. 190.

5. Manuscrito Liberado * 1215, pág. 1 (Carta 32ª 14 de junho de 1880).
6. *Ibidem*. Este era um problema que preocupava grandemente a igreja, pois no ano seguinte a Sra. White publicou um folheto de 82 páginas, intitulado: *Bible Sanctification: A Contrast of the True and False Theories* (Battle Creek, Michigan: Steam Press, 1881). Esta foi uma versão editada de uma série de dez artigos publicados na *Review and Herald* entre 18 de janeiro e 3 de maio de 1881. Seu aparecimento na forma de folheto no mesmo ano de sua publicação na *Review*, indica a importância que eles tinham para a igreja. *Bible Sanctification* foi publicado mais tarde como *The Sanctified Life* (Washington, d.C.: *Review and Herald*, 1937).
7. *Review and Herald*, 20 de dezembro de 1881, pág. 392.
8. *Ibidem*.
9. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, págs. 202 e 203.
10. *Review and Herald*, 26 de julho de 1906, pág. 8. (Também *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 33).
11. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 492.
12. *Ibidem*.
13. *Testimonies*, vol. 9, pág. 223 (Manuscrito 129, 1902).
14. Manuscrito Liberado * 330, pág. 1 (Manuscrito 43ª, 1898). Também *Obreiros Evangélicos*, pág. 452.
15. *Evangelismo*, pág. 475 (Carta 3, 1898).
16. *Idem*, págs. 467 e 468 (Manuscrito 91, 1908).
17. *Testimonies*, vol. 6, págs. 117 e 118.
18. Ela alertou a outros sobre esse perigo: "Os Adventistas do Sétimo Dia não devem de maneira alguma diminuir o trabalho das mulheres." *Evangelismo*, págs. 492 e 493.
19. Ver, por exemplo, *Serviço Cristão*, págs. 27-29; *Evangelismo*, págs. 459-461, 464-478 e 491-493; *Obreiros Evangélicos*, págs. 452 e 453; *Beneficência Social e Conselhos Sobre Saúde*. Ela pede também que as mulheres se envolvam em obra médica missionária, algumas como médicas e enfermeiras, outras como não profissionais.

Leite: Chegou o Tempo de Deixar?

A qualidade do leite melhorou muito nos últimos tempos, com as novas técnicas. Contudo, as técnicas precárias e os acidentes no manuseio do produto, ainda devem preocupar muito o consumidor.

Na primavera de 1985, milhares de pessoas da área de Chicago contraíram intoxicação por salmonela ao tomarem leite. Algumas pessoas idosas e outras que já estavam doentes quando ocorreu a epidemia, morreram. Depois a epidemia diminuiu, mas voltou alguns dias mais tarde. Quando o fenômeno passou, mais de 16.000 pessoas haviam sido infectadas num espaço de menos de um mês.¹

O incidente do Laticínio Hillfarm tornou-se a pior intoxicação alimentar epidêmica da história da nação. Ela se originou em uma usina de processamento de leite fora de Chicago que, durante seus 18 anos de serviços prestados, processava com segurança bilhões de litros de leite.

Essa epidemia levou muitos adventistas a pensarem se havia chegado o tempo do qual falara Ellen White que o uso do leite deveria ser interrompido. Os registros mais antigos de tais advertências vinham de 1873: "Temos usado sempre um pouco de leite e algum açúcar. Isto nunca reprovamos, seja em nossos escritos, seja em nossa pregação. Cremos que o gado se tornará tão doente que essas coisas ainda virão a ser rejeitadas, mas o tempo ainda não chegou para abolirmos inteiramente açúcar e leite em nossa mesa."² Em 1898 ela escreveu novamente: "Não há segurança alguma no comer a carne de cadáveres, e dentro de breve tempo o leite das vacas será também excluído do regime do povo que guarda os mandamentos de Deus.

Brevemente não será garantido usar coisa alguma que provenha da criação animal."³ Seu conselho quanto ao tempo ainda não ter chegado, é claro. Até 1909 ela ainda via o tempo para deixar o leite, a manteiga e os ovos como estando no futuro, e aconselhava que "não é necessário provocar perplexidades para nós mesmos com restrições exageradas e prematuras. Esperai até que as circunstâncias o exijam e o Senhor prepare caminho para isso."⁴ Avaliar hoje a situação do leite é proveitoso, a fim de sabermos o estado do leite nos dias de Ellen White.

O leite nos dias de Ellen White

As doenças mais conhecidas, associadas ao uso do leite durante a vida de Ellen White, incluíam carbúnculo, enfermidade dos pés e da boca, cólera, febre tifóide e paratifóide, escarlatina, difteria, tuberculose e brucelose. Naquele tempo, o conhecimento de organismos bacterianos era algo novo, e os métodos de destruição de organismos bacterianos patogênicos do leite ainda estavam sendo testados.

Em 1894 Melzter demonstrou que agitar fortemente o leite por um espaço prolongado de tempo, tirava a vitalidade das bactérias. Alguns procuravam filtrar o leite através de areia, mas isto não obteve sucesso. Outros achavam que congelar e descongelar o leite causava a destruição bacteriana. Não era o fato de quão baixa

Dr. Galen C. Bolley
Departamento de Saúde e
Temperança da Associação Geral
dos Adventistas.

caía a temperatura que ocasionava a destruição, mas a rapidez do processo de congelamento e descongelamento.⁵

Em 1864, Luís Pasteur descobriu que as bactérias ou micróbios do leite podiam ser mortas mediante a aplicação do calor. Mas o leite fervido tinha um gosto desagradável, e a manteiga produzida de tal leite era sem gosto até que fosse novamente contaminada com bactérias. O refinamento pelo processo de aquecimento levou ao que se conhece agora como pasteurização. Requer a aplicação de bastante calor o matar os organismos patogênicos sem levar o leite à ebulição. Não foi senão em 1895, o ano em que morreu Pasteur, que o equipamento para a pasteurização comercial do leite foi introduzido nos Estados Unidos.⁶ E a padronização do processo de pasteurização não veio senão décadas mais tarde. Mesmo com a pasteurização, "até 1938, as erupções causadas pelo leite nos Estados Unidos constituíam 25 por cento de todas as doenças devidas a alimento infectado e água contaminada".⁷

Em 1896, o leite não pasteurizado era o principal artigo dos bebês, das crianças, dos inválidos e dos enfermos e convalescentes. Como resultado, a mortalidade infantil era elevada. Dois terços dos bebês que morriam antes da idade de dois anos eram provenientes do leite. Este se achava em tão más condições que numa tentativa de evitar doenças diarréicas como a cólera, febre tifóide, difteria, escarlatina e tuberculose, um grupo de médicos da Filadélfia imprimiu folhetos, recomendando que as mães alimentassem os filhos com leite materno até à idade de dois anos.⁸

O número de 14 de fevereiro de 1896, de *Public Health Reports* inclui um resumo de um relatório de 100 páginas sobre as condições que tornariam o leite "insalubre e infeccioso". Ele descreve as várias cores que o leite pode ter e os organismos associados com essas cores.⁹

Os odores, sabores e consistências anormais, decorriam de problemas causados pelo consumo, pelo gado, de cebola, repolho, nabo e folhas deterioradas, pelas bactérias que se encontravam nos estábulos sombrios, úmidos e pobremente ventilados. O leite salgado era produzido quando as vacas pastavam em pântanos onde havia capim salgado.

O leite viscoso e com gosto de sabão tinha estas características produzidas por micrococos

e oferecia pouco perigo ao público porque poucos podiam tomá-lo. Mas em Londres, descobriu-se que era esse leite viscoso, ou em forma de baba, que estava relacionado com os surtos de doenças.

Era comum o leite com sedimento. O sedimento era a matéria excrementícia que havia aderido ao úbere das vacas e caía dentro do balde ao ser tirado o leite. Essa situação foi vividamente demonstrada em uma convenção médica em Berlim, para desgosto de muitos médicos americanos presentes. Os americanos se recusavam a crer que houvesse qualquer sedimento em seu leite, mas, ao voltarem ao seu país, descobriram que as amostras de leite de Washington, D.C., continham mais sedimento do que aquele que eles haviam visto em Berlim.

As condições nas quais o gado era mantido, causavam muitos daqueles problemas. "Muitos estábulos são tão pequenos que quase não há espaço para as vacas ficarem", de acordo com um relato. "Os pisos são uma massa de sujeira; a drenagem e a ventilação não recebem nenhuma atenção; o ar é quase insuportável; as vacas são alimentadas em baldes sujos e se permite que bebam água de uma poça do pátio do estábulo pela qual corre o esgoto do estábulo. O úbere das vacas não é lavado; o leite é despejado em grandes baldes, coado em latas, estando os coadores quase entupidos com a sujeira e os enxames de moscas. O leite assim obtido não tem outra coisa a não ser um odor ativo; ele não permanecerá saboroso doze horas, e está cheio de bactérias."¹⁰

Nem todo o leite do tempo de Ellen White era mau assim. As amostras do leite, recebidas em frascos esterilizados, das bem cuidadas vacas da Holstein, apresentavam uma porcentagem de apenas 530 bactérias por centímetro cúbico. Em contraste, quando se tomava pouco cuidado para impedir que a poeira do estábulo entrasse no recipiente, havia 30.500 bactérias por centímetro cúbico. As amostras do leite da cidade nesse tempo continham em média 235.600 bactérias por centímetro cúbico, enquanto as amostras procedentes dos armazéns apresentavam números muito maiores.¹¹ O leite de Nova Iorque em 1901 variava de um total bacteriano de 300 mil durante os meses de inverno para 5 milhões no verão. Semelhantemente, os totais bacterianos do leite de Chicago, em 1904, variavam entre 10 mil a 74 milhões, e o

de Boston, em 1892, continha em média 4,5 milhões.¹² Em contraste, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos estabelece hoje que o estado do leite cru para pasteurização não pode exceder a um total bacteriano de 300 mil e, após a pasteurização, o limite é 20 mil.

Enquanto o cuidado na obtenção do leite era por certo um problema conhecido, a tuberculose do gado era também um problema sério. Entre 1888 e 1891, das 67.077 reses abatidas em uma fazenda, verificou-se que 20,4% estavam tuberculosas. Outras fazendas apresentaram índices que chegavam a 54 por cento. 40% a 50% do leite estavam infectados com bacilos de tuberculose. Em 3 a 4 por cento das vacas com lesões no úbere, o leite possuía um índice de infecção de 60 a 70 por cento.¹³

A qualidade do leite hoje

Hoje em dia, a tuberculose no gado é muito reduzida. Dos 2.167.018 de vacas examinadas nos Estados Unidos em 1984, apenas 244 tinham tuberculose. Enquanto a incidência da tuberculose é maior, somente três décimos de uma porcentagem das vacas ainda estavam infectadas em 1984.

Por volta de 1984, os surtos de doenças produzidas pelo consumo do leite nos Estados Unidos constituíam menos de um por cento dos surtos produzidos por alimentação.¹⁴ Isto é verdade em muitos países industrializados hoje. Há pouca semelhança entre as condições anteriores e as doenças no gado, e no que diz respeito à transmissão de doenças pelo leite, é mais seguro do que o era nos dias de Ellen White.

A melhor condição do leite veio mediante o desenvolvimento das condições de salões de ordenhamento, da refrigeração, e da preservação. A maior parte do leite vendido para as usinas de processamento, se não todo ele, é obtida por máquinas de ordenhar, usadas depois de o úbere dos animais ter sido lavado com água morna e sabão. Esse processo, bem como o uso de tanques que asseguram a refrigeração, e os caminhões para transportar o leite para as usinas de processamento, para a pasteurização, diminuem grandemente a quantidade de bactérias.

A aflatoxina no leite

Outro perigo para a saúde, presente tanto nos dias de Ellen White quanto nos nossos, embo-

ra a ciência só tenha sido despertada para ele em décadas recentes, é a aflatoxina. A aflatoxina é um carcinógeno produzido pelo mofo que se desenvolve no cereal, no amendoim e no caroço do algodão. A contaminação é comum em áreas tropicais e subtropicais, nas quais as temperaturas alcançam 81 graus fahrenheit, com 85% ou mais de umidade relativa. Tais condições podem levar a contaminação em apenas 24 horas. Nos amendoins e no milho, a estiagem intensa parece ser o fator principal na suscetibilidade de uma colheita produzir o mofo da aflatoxina.¹⁵ Em virtude de a estiagem do verão ter dado lugar a chuvas pesadas, os níveis da aflatoxina na alimentação do estábulo constitui uma preocupação constante nos Estados Unidos. O governo dos Estados Unidos remunera os fazendeiros pelas colheitas atingidas, a fim de que eles não alimentem o gado com os cereais.

As aflatoxinas foram identificadas em 1960 como a causa do "peru X doença" que matou mais de 100 mil perus e grandes quantidades de faisões, patos, porcos e vacas nas Ilhas Britânicas. A toxina foi encontrada no creme de amendoim usado na alimentação. O programa do controle da aflatoxina tem funcionado nos Estados Unidos desde 1965.

Quando o alimento contaminado pela aflatoxina é consumido pelo gado leiteiro, ela aparece no leite dentro de 24 horas e continuará presente por quatro dias e meio. As aflatoxinas são tóxicas, carcinógenas e mutagênicas. Tem-se verificado que a ingestão crônica das aflatoxinas produz câncer do fígado em animais de laboratório, e está associada com o câncer primário do fígado em certas nações do Terceiro Mundo, entre as quais o Kênia, Tailândia, Moçambique e Sudão.

Quando os níveis da aflatoxina excedem as 20 partes por bilhão (ppb) na alimentação, e 0,5 ppb no leite, a Food Drug Administration fica sabendo. Há um nível de ação mais baixo para o leite, porque este é considerado o principal item alimentar para crianças, consideradas mais vulneráveis aos efeitos dos carcinógenos.

Com respeito ao conteúdo de aflatoxina no leite, é duvidoso, com os vários métodos disponíveis de secagem do cereal hoje, que os níveis de aflatoxina sejam maiores do que nos dias de Ellen White. A agricultura, a indústria de alimentos e os programas governamentais de monitoramento muito já fizeram para ajudar a re-

duzir os níveis de aflatoxina desde 1965.

O conselho de Ellen White

Ellen G. White, cujo conselho relacionado com assunto de alimentação e saúde tem sido de grande valor para aqueles que o seguem, previu um tempo no qual não mais seria seguro usar o leite. Mesmo em seus dias, não considerava de confiança o leite cru. Recomendava ferver o leite para evitar a contração de doenças.¹⁶ Nem mesmo a tecnologia atual pode garantir que o leite cru ou os derivados do leite estejam livres de patogênicos humanos.¹⁷ A salmonela é encontrada em mais de 60 por cento das amostras de leite cru.¹⁸ Sabe-se que micróbios como o vírus da leucemia bovina e o vírus papiloma bovino estão presentes no leite cru, e podem causar câncer em animais alimentados com leite cru. Os defensores do uso do leite cru, argumentam que seu aroma e valor nutritivo são superiores ao do leite pasteurizado e dos derivados de leite, e por isso contém maior quantidade de propriedades promotoras da saúde. A história da transmissão de doenças pelo leite nos Estados Unidos é um bom exemplo dos benefícios da pasteurização e da tolice do uso do leite cru ou do leite cru garantido. Curiosamente, o incidente da Hillfarm, de 1985, foi o resultado de um problema mecânico que permitiu que o leite pasteurizado fosse contaminado por uma pequena quantidade de leite cru.

Na Escócia, uma lei de 1983, que proibia a venda de leite não pasteurizado, resultou na redução, do surgimento de doenças provocadas pelo leite; menos em áreas que ficavam ao redor das fazendas onde o leite não processado era usado como pagamento parcial por trabalho feito.¹⁹ Além disso, relatos de surtos de doenças causadas pelo consumo de leite na Inglaterra de 1983-1984, mostram que dos 29 surtos, 27 resultaram do consumo de leite cru.²⁰

A pasteurização tem reduzido grandemente as doenças causadas pelo leite. Existem, porém, evidências de que patógenos virosos desconhecidos no tempo em que se formularam os padrões de pasteurização, podem sobreviver a este processo de aquecimento. Os exemplos desses agentes virosos incluem doenças dos pés e boca, vírus de leucemia de Maloney, vírus de leucemia de Rauscher, vírus de Sarcoma de Rous e vírus de papiloma bovino.²¹ Assim, o

repetido conselho de Ellen White para que o leite seja fervido ou esterilizado ainda é valioso, apesar dos elevados padrões de qualidade do leite.

Ellen White declara que a reforma da saúde é progressiva. Ela diz que devemos aprender a cozinhar sem o uso de leite e ovos. "Em todas as partes do mundo serão tomadas providências para substituir o leite e ovos... Ele (Deus) deseja que todos sintam que possuem um benévolo Pai celeste que os instruirá em tudo. O Senhor dará a Seu povo em todas as partes do mundo, arte e habilidade no regime alimentar, ensinando-lhes a maneira de usar para sustento os produtos da terra."²²

"Tempo virá em que talvez tenhamos que deixar alguns dos artigos de que se compõe o nosso atual regime, tais como leite, nata e ovos, mas não é necessário provocar perplexidades para nós mesmos com restrições exageradas e prematuras. Esperai até que as circunstâncias o exijam e o Senhor prepare caminho para isso."²³

"Quando chegar o tempo em que não mais seja seguro usar leite, creme, manteiga e ovos, Deus o revelará... A questão de usar leite... resolverá o seu próprio problema."²⁴

A redução da transmissão das doenças infecciosas não eliminou todos os riscos do consumo do leite. O uso livre do leite pode aumentar o risco das enfermidades coronárias, pois as pesquisas têm revelado uma relação entre o consumo dietético de colesterol e o uso de gorduras saturadas do leite. As pesquisas revelaram também relações entre o uso de alimentos gordurosos (como o leite, queijo, manteiga/margarina e creme) e câncer da próstata. O leite e o consumo *per capita* de gorduras foi também associado ao câncer do seio.²⁵

Indica a epidemia da Leiteria Hillfarm o tempo para se interromper o uso dos produtos da leiteria? Os alimentos nos Estados Unidos, Canadá, Europa, Austrália e outras nações que têm elevado padrões, são certamente melhores do que em qualquer outra época da história.

O incidente de Hillfarm nos dá um bom exemplo da magnitude do erro que pode ocorrer quando a tecnologia de produção de massa investe cegamente contra todos. Ele envolveu mais de 16 mil casos notificados, enquanto em 62 epidemias relatadas e discutidas em uma edição de *Sanitation*, de 1905, foram registrados apenas 4.565 pacientes.

Não é aconselhável dizer que já é tempo de os Adventistas do Sétimo Dia eliminarem completamente o leite de sua alimentação. As evidências indicam que a condição do leite realmente melhorou com respeito à disseminação das doenças infecciosas. Não devemos esquecer-nos, porém, de que esta mensagem é progressiva. Deveríamos aprender as artes e habilidades de cozinhar sem o leite, embora o tempo em que será necessário abster-se de seu uso pareça ainda não ter chegado.

Conteúdo de 1 copo cheio de leite *

	gramas
Água	214,70
Gordura	8,15
Saturada	5,07
Monoinsaturada	2,35
Poliinsaturada	0,30
Colesterol	11,37
Proteína	8,03
Resíduo	1,76

* Fonte: Departamento de Agricultura do EE.UU., *Composição dos Alimentos — Produtos de Leite e Ovos, Crus, Processados e Preparados*, (Washington, D.C.: Imprensa Oficial do Governo dos EE.UU., 1976), págs. 01-77.

Conteúdo de Gordura Saturada do Leite

Uma das principais razões para se evitar o consumo excessivo de leite é seu nível elevado de gorduras saturadas. Para entender como os gramas de proteína e hidratos de carbono se traduzem em calorias, multiplique as proteínas e os hidratos de carbono por quatro calorias, por grama. Uma vez que as gorduras contêm nove calorias por grama, multiplique os gramas de gordura por 9 a fim de transformar em calorias. Note que aproximadamente metade das calorias do leite integral vem da gordura. Isto, a despeito do fato de que com relação à pesagem, o leite tem menos de 4 por cento de gordura. Isto, porque o leite quanto ao peso tem 88 por cento de água.

Além disso, para que o leite integral seja um alimento rico em gordura, o índice de P/S — o índice de gorduras poliinsaturadas em relação as gorduras saturadas — é muito baixo. Os alimentos que contêm um índice de P/S mais elevado são mais procurados por evitarem doen-

ças do coração. Geralmente os nutricionistas gostam de observar um índice de um ou mais alto. O leite integral tem um índice de P/S de 0,06, o que indica que a grande maioria das gorduras são saturadas.

1. C. W. Lecos, "A Closer Look at Dairy Safety", *FDA Consumer*, abril sw 1986, págs. 14-17.
2. Ellen G. White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 330.
3. *Idem*, pág. 411.
4. *Idem*, pág. 208.
5. F. Corss, "Epidemics Arising from the Use of Infected Milk", *Sanitation*, 1905, vol. 1, nº 7, págs. 262-267.
6. D. M. Considine and G. D. Considine, *Foods and Food Production Encyclopedia*, (Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold Co., 1982), págs. 1.210-1.215.
7. L. Townsend, "Milk Safety: An Historical Overview", *Dairy and Food Sanitation*, 1981, vol. 1, nº 8, págs. 325-330.
8. T. J. Cooper, "Milk as A Conveyor of Disease", *Journal of Comparative Medicine & Veterinary Archives*, 1902, vol. 23, nº 12, págs. 762-764.
9. S. C. Busey and G. M. Kober, "On Morbific and Infectious Milk", *Public Health Reports*, 1896, vol. 11, nº 7, págs. 117-131.
10. J. J. Berry, "Milk As a Vehicle of Infection", *Twelfth Annual Report of the State Board of Health of the State of New Hampshire*, 1893, págs. 194-200.
11. W. Burrows, *Textbook of Microbiology*, 19ª edição, (Filadélfia, Pa.: W. B. Saunders Co., 1968), págs. 194-200.
12. C. A. Bonner, "The Prevention of Milk Communicable Diseases", *The Sanitary Record*, 1898, vol. 22, págs. 293, 294.
13. Berry, págs. 194-200.
14. Townsend, págs. 325-330.
15. *Science News*, vol. 129, nº 9, março de 1986. Ver também Elaine Blume, "Aflatoxin" *Nutrition Action Healthletter*, setembro de 1986, vol. 13, nº 8, págs. 1, 4-6.
16. Ellen G. White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 203. Ver também *A Ciência do Bom Viver*, págs. 302 e 358.
17. *International Dairy Federation Bulletin*, 1981, pag. 17.
18. C. McManus and J. M. Lanier, "Salmonella, Campylobacter jejuni, and Yersina enterocolitica in Raw Milk", *Journal of Food Protection*, janeiro de 1987, vol. 50, nº 1, págs. 51-55.
19. J. C. M. Sharp, "Infections Associated with Milk and Dairy Products in Europe and North America; 1980-85", *Bulletin of the World Health Organization*, 1987, vol. 65, nº 3, págs. 397-406.
20. N. J. Barrett, "Communicable Diseases Associated with Milk and Dairy Products in England and Wales: 1983-1985", *Journal of Infection*, 1986, vol. 12, nº 3, págs. 265, 272.
21. V. M. Hulse, "Raw Milk and Cancer", *Health and Healing*, 1983, vol. 8, nº 3, págs. 2-5 e 19.

22. White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 359.
23. *Idem*, pág. 208.
24. *Idem*, pág. 206.
25. Assembly of Life Sciences, National Research Council, Washington, D.C.; *Diet Nutrition and*

- Cancer*, (National Academy Press), 1982, págs. 11-17.
26. Corss, págs. 262-267.

Rumo à Culminação de Colheita 90

O entusiasmo por colheita 90 tem crescido grandemente. Muitos campos já ultrapassaram seus alvos de batismo. As previsões são de que o êxito da campanha seja total, para glória de Deus.

Colheita 90 é um programa evangelístico de âmbito mundial adotado pela Sessão da Associação Geral em Nova Orleans e unanimemente aceito por toda a igreja. Ela se estende de 1º de julho de 1985 a 30 de junho de 1990. Colheita 90 reconhece que "estamos nos dias da colheita. Os tempos requerem que a igreja se levante e dirija suas energias de maneira a atingir cada região e cada grupo étnico, cultural e social" *Documento Oficial de Colheita 90*.

O programa de Colheita 90 possui três dimensões. Em primeiro lugar, a dimensão espiritual: Incentivar o crescimento pessoal por meio do estudo da Bíblia, da oração intercessória, da comunhão, da adoração e da revitalização da religião em família, a fim de que os lares se tornem centros de amor, cuidado e testemunho. Em segundo, a dimensão evangelística: Reconhecer a igreja local como um centro de evangelismo, educação e preparo dos membros pa-

ra o ministério e para a constante proclamação da mensagem bíblica profética dos Adventistas do Sétimo Dia. Terceiro, a dimensão do treino: Duplicar o número de membros equipados para as atividades ganhadoras de almas de acordo com seus dons espirituais e tornar cada igreja adventista do sétimo dia um centro de preparo para o serviço.

Colheita 90 possui também três objetivos: Primeiro, duplicar os batismos em cada Divisão, União, Associação, campo local e igreja, e dobrar o número de adesões que foram conseguidas durante os Mil Dias de Colheita. Segundo: Adestrar os membros inativos da igreja e aumentar a frequência à igreja. Terceiro: Envolver as pessoas leigas, juntamente com seus pastores, em todas as espécies de evangelismo e atividades missionárias.

Junho de 1988 marcou a conclusão dos primeiros três anos de Colheita 90. O programa foi entusiasticamente aceito, e está sendo im-

Carlos E. Aeschlimann

plementado em todas as Divisões e Uniões do mundo. Os resultados têm sido bastante encorajadores: Excelentes planos estão sendo esboçados; administradores, líderes departamentais, pastores e leigos estão envolvidos; e está ocorrendo reavivamento espiritual em muitos lugares.

Resultados encorajadores

O alvo mundial de batismos até metade do tempo de Colheita 90 era de 820.000 batismos. Graças ao Senhor, foram batizadas 1.075.050 pessoas, o que dá um excesso de 255.050. Das dez Divisões, seis já alcançaram seu alvo. Em 1987, três Divisões ultrapassaram a marca de 90 mil batismos: a Interamericana 95.486; a África-Oriental 93.951; e a Sul-Americana 91.400.

Nos últimos quatro anos, os batismos aumentaram consideravelmente.

	1984	1985	1986	1987
Batismos	397.135	406.613	430.257	464.500
Aumento % do	21.076	9.478	23.644	34.243
Aumento	5,60%	2,38%	5,81%	7,95%

Métodos antigos e novos

Os métodos que produziram mais almas até o presente, são:

1. Evangelismo público: Campanhas evangelísticas realizadas nas igrejas, salões públicos, tendas, salas, etc., dirigidas por evangelistas, pastores, leigos e jovens.

2. Estudos bíblicos: Dados a grupos, famílias ou a indivíduos, por pastores e, especialmente, por leigos.

3. Classes batismais: Especialmente na igreja, escolas e lares, por pastores e leigos. Muitas igrejas têm três classes batismais permanentes para crianças, jovens e adultos.

4. Seminários Revelação: Realizados nas igrejas, escolas, edifícios públicos, bibliotecas e lares. Esses seminários têm sido espalhados por todos os Estados Unidos, Europa e na Divisão Sul-Americana e do Sul do Pacífico; logo eles irão a todo o mundo. Por toda parte os resultados têm sido bons.

5. Lares: Como centros de atividades evangelísticas, tais como: estudos bíblicos, seminários e ramos da Escola Sabatina.

6. Batismos freqüentes: Em muitos lugares,

cada igreja realiza um batismo mensal. Faz-se um apelo em cada cerimônia, a fim de obter nomes e fazer o imediato acompanhamento, dando estudos bíblicos e preparando os candidatos para os próximos batismos.

Durante Colheita 90 muitos métodos novos têm sido experimentados:

1. Campanhas Evangelísticas Nacionais e Multinacionais: Realizam-se em um país ou em vários países, uma série de reuniões, seminários ou outras formas de reuniões em todas as igrejas e em centenas de novos lugares, em um plano unido e simultâneo.

2. Campanhas Evangelísticas Metropolitanas Múltiplas: Em uma grande cidade, todas as igrejas, pastores e centenas de leigos se unem para fazer evangelismo e, simultaneamente, cobrir a cidade.

3. Evangelismo e Saúde: Apresentação de vários programas de saúde e doutrinas simultaneamente.

4. Seminários Revelação Concentrados: Cobrir um país ou determinada área com centenas de Seminários Revelação simultâneos, dirigidos principalmente por pastores e leigos. Na Divisão Sul-Americana, cada classe da Escola Sabatina realizará um Seminário Revelação.

5. Plano Pioneiro: Na América do Sul, cada ano a maioria das igrejas escolhe grupos para deixarem a igreja-mãe e formar uma nova congregação.

6. Institutos de Evangelismo Móvel: A Divisão Euro-Africana organizou um instituto de evangelismo móvel que trabalha uma cidade por seis meses, agindo como uma escola de evangelismo para pastores e leigos e realizando campanhas evangelísticas bem-sucedidas, de maneira que posteriormente os participantes possam dirigir campanhas em outras cidades.

7. Evangelismo entre os muçulmanos: A Divisão do Extremo Oriente organizou em 1986 uma série de reuniões de dez dias em Cingapura sobre a maneira de evangelizar os muçulmanos. Vinte e cinco dedicados obreiros foram providenciados para trabalhar entre aquelas pessoas, e esse esforço está produzindo resultados. Este ano eles farão várias reuniões a respeito de como trabalhar entre os budistas.

Até a metade da campanha de Colheita 90, a Divisão Sul-Americana estava em primeiro lugar em batismos. Deve-se isto ao vigoroso programa de evangelismo, que inclui campanhas nacionais e metropolitanas múltiplas; o vasto uso de classes batismais em todas as igrejas; o plano pioneiro e os Seminários Revelação que se estendem simultaneamente por todos os países da Divisão. Em 1989, haverá no Brasil uma campanha evangelística gigantesca, e em 1990 a Divisão realizará uma campanha evangelística multinacional.

A Divisão Interamericana realiza um progra-

ma permanente de evangelismo. A Divisão tem quatro evangelistas e cada União tem o seu próprio. Grande número de leigos participa de todos os aspectos do evangelismo e preparam 85% dos candidatos ao batismo. Todos os pastores se empenham em evangelismo e preparam centenas de leigos para liderarem. Os administradores da Divisão a nível dos campos locais dão prioridade absoluta ao evangelismo e dirigem pelo menos uma campanha por ano. No momento, a Campanha Evangelística Multinacional está em progresso na Colombo-Venezuelana, Curazao, Porto Rico e São Domingos. Em 1989 haverá na Cidade do México uma gigantesca campanha evangelística múltipla, e a pregação será feita em 1.500 lugares ao mesmo tempo.

A Divisão da África-Oceano Índico tem o

Prezado Pastor

Temos o prazer de apresentar-lhe, encartado no centro desta revista, o mais novo folheto produzido pela Casa, intitulado "Ele é a Saída".

Trata-se de um material de apoio para contatos missionários, leve mas profundo, que apresenta de forma agradável e cristocêntrica, aspectos importantes das doutrinas adventistas. No final, acrescentamos um resumo das nossas 27 crenças fundamentais.

Além disso, o folheto oferece vários cursos bíblicos gratuitos, e solicita uma resposta do leitor, no cupom a ser preenchido.

O Pastor M. T. Bascom, da Associação Geral, gostou tanto, que pretende promovê-lo a nível mundial. A Casa já cedeu os seus direitos para que este seja um sucesso internacional.

Temos a certeza de que será também um sucesso em seu Campo. Promova-o junto aos anciãos, diretores missionários e obreiros voluntários de suas igrejas. Aproveite o preço baixo. "Ele é a Saída". Inclusive para ajudá-lo a alcançar os não-alcanceados.

Juntos na Colheita, saúda-o.
O irmão em Cristo

Carlos M. Borda
Gerente Geral

Ele continua sendo a saída para o desespero, a incerteza, a insuficiência humana e a morte. Abra e leia.

Ele é a Saída...

Rubens S. Lessa



maior alvo de batismo do campo mundial: 410.000. Eles realizaram um intenso programa de evangelismo leigo e pastoral. Novos países e tribos estão sendo penetrados, entre os quais pigmeus. Em Rwanda, foi realizado num sábado um batismo em massa de 4.500 pessoas. Com tantos batismos, é difícil construir igrejas suficientes para manter todos os conversos. O Pastor Neal Wilson realizará uma grande campanha evangelística em Arusha, Tanzânia, em setembro deste ano.

A Divisão da África Oriental está em segundo lugar em batismos no mundo. No segundo ano de Colheita 90, 97.181 almas foram batizadas. Eles esperam batizar mais de 100.000 este ano. Muitos membros dos gigantes masai estão aceitando o evangelho. Em Mombaça, 60 muçulmanos foram batizados no ano passado. O Concílio Anual será realizado em Nairobi em outubro deste ano; espera-se que o maior número de adventistas já visto em toda a história da igreja, esteja presente.

A Divisão do Extremo Oriente, com suas centenas de milhares de muçulmanos e budistas, enfrenta o maior desafio do evangelismo. Estão sendo feitos planos definidos para penetrar nestes grupos religiosos. Na Indonésia, 25 muçulmanos foram batizados num sábado. Em Manado, a primeira campanha evangelística dirigida por mulheres resultou em 160 batismos.

Em Seul, Coréia, 2.000 reuniões simultâneas de casas de campo serão realizadas este ano. Nas Filipinas, novas aldeias estão sendo penetradas, na base de mais de uma por dia. Eles têm batizado 85 por dia.

Um grande reavivamento do evangelismo está ocorrendo na Europa. Na Divisão Euro-Africana, o instituto do evangelismo móvel foi realizado em Viena, Zurique, e em Berlim Ocidental, sendo freqüentado por 275 não-adventistas. Acabaram de ser feitas na Espanha três campanhas evangelísticas, nas cidades de Madrid, Valencia e Zaragoza. No próximo ano será levada a efeito uma campanha nacional em 75 lugares, simultaneamente, em todo aquele país. Uma campanha evangelística em Lisboa, Portugal, atraiu mais de 4.000 pessoas. Até agora, 700 pessoas já pediram estudos bíblicos.

Na Divisão Trans-Européia, ocorreu nos últimos meses um grande despertar como resultado do evangelismo público e dos Semi-

nários Revelação. A Campanha Múltipla Metropolitana de Londres resultou em 400 batismos. Como resultado das reuniões evangelísticas em Gdansk, Polônia, 2.000 nomes de pessoas interessadas foram obtidos, e até o momento mais de 100 pessoas já foram batizadas. Em Estocolmo, 1.700 não-adventistas se registraram em 15 diferentes seminários. Mais de 500 pessoas assistiram aos seminários de religião. Mark Finley, secretário ministerial da Divisão, esperava uma grande vitória para Colheita 90.

A Divisão do Pacífico Sul ultrapassou o seu alvo. Na Austrália, serão efetuadas campanhas evangelísticas nas 40 principais cidades. Seminários Revelação são espalhados com rapidez por todo o país, com muito bons resultados. Nas Ilhas do Pacífico, os pastores e leigos estão trabalhando juntos e conquistando almas.

A Divisão da Ásia Meridional está trabalhando para penetrar em suas grandes cidades e nos milhares de suas pequenas vilas. O Pastor Gerald J. Christo, presidente da Divisão, realizou uma série de conferências em Hiderabad, que resultou em 141 batismos. No distrito de Meghalaya, o membro leigo Charles Sangam dirigiu reuniões de subúrbio em três vilas, que resultaram em 66 batismos.

A Divisão Norte-Americana ultrapassou seu alvo nos seis primeiros trimestres de Colheita 90. O evangelismo público e os Seminários Revelação são os métodos mais produtivos na conquista de almas. Em 1987, os vários evangelistas e pastores batizaram mais de 100 pessoas: Kenneth Cox batizou mais de 450 pessoas na Califórnia, e J. J. Rodriguez batizou 302. Cinquenta igrejas participaram da Campanha Metropolitana Múltipla na Associação da Grande Nova Iorque, e 1.465 pessoas foram batizadas. Campanhas semelhantes estão sendo planejadas para Nova Jersey, Potomac, Texas, Oklahoma e Califórnia. Cada vez mais Seminários Revelação estão sendo realizados por pastores, bem como membros leigos.

Culminação de Colheita 90

Restam apenas sete trimestres do programa Colheita 90. Recomendamos que as Divisões, Uniões e campos locais desenvolvam

as atividades evangelísticas ao máximo, a fim de obterem os maiores resultados possíveis nas fases finais do programa. Esperávamos alcançar em 1988, pela primeira vez na história da igreja, um milhão e meio de batismos. As várias Divisões e Uniões estão planejando alcançar seu alvo total de Colheita 90 no fim de 1989, a fim de que os batismos em 1990 tenham um excesso substancial. Se todas as Divisões, Uniões e campos locais fizerem esforços especiais, poderão alcançar seus alvos por ocasião da Sessão da Associação Geral de Indianápolis.

Colheita 90 aproxima-se do seu final. Um evangelismo intenso poderá tornar a sua conclusão uma das maiores festas já presenciadas pela Igreja Adventista em toda a sua história.

Na primeira parte de 1989, como aconteceu no final de 1988, seria proveitoso esboçar os planos finais e conseguir o material de promoção para a culminação de Colheita 90. Seria bom também começar a treinar os obreiros e as centenas de leigos para a grande ofensiva final do evangelismo, que culminará gloriosamente o programa.

No último ano de Colheita 90, de julho de 1989 a junho de 1990, esperamos levar a efeito um gigantesco Festival de Colheita 90 por meio de um programa global de evangelismo total e permanente.

Outra idéia é organizar e lançar uma CAMPANHA EVANGELÍSTICA MUNDIAL, que incluirá a participação de todos os administradores, líderes departamentais, pastores e um milhão de pessoas. A idéia principal é que cada igreja em todo o mundo seja um centro de evangelismo e tenha um longo programa anual de permanentes atividades ganhadoras de almas. Sugerimos as seguintes atividades: duas campanhas evangelísticas durante o ano (uma na igreja e a outra em um novo lugar), muitos Seminários Revelação, uma classe batismal permanente, e estudos bíblicos domésticos a serem dirigidos por pastores e pessoas leigas.

Esperamos que no último ano de Colheita 90 meio milhão de lares sejam centros de evangelismo para vizinhos e amigos na comunidade. Seria desejável também que cada família adventista ganhasse para Cristo um membro da família, um amigo ou vizinho. Isto garantiria uma grande vitória que nos ajudaria a mobilizar e treinar pelo menos um milhão de pessoas leigas para serem ganhadoras de almas.

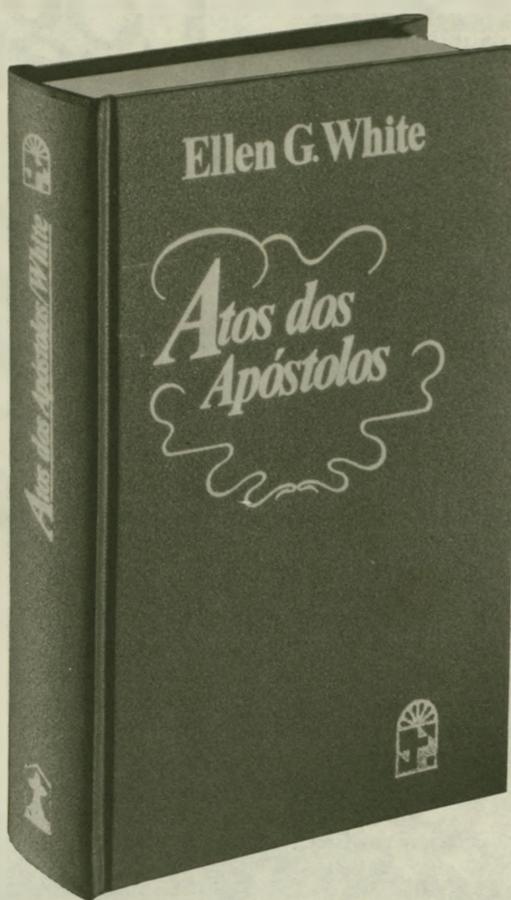
Durante o último ano, seria bom ter batismos frequentes. O ideal é que cada igreja tenha batismos mensalmente ou, pelo menos, batismos trimestrais, e faça um apelo veemente em cada cerimônia para conseguir nomes de visitantes, e faça o imediato acompanhamento.

Creemos que se toda a igreja mundial se unir em um total e permanente programa evangelístico, tendo como centro a igreja local e mobilizar todos os pastores e um milhão de pessoas leigas, e se usar os vários métodos bem-sucedidos de conquistar almas, ela receberá a bênção do Senhor para conseguir e manter a vitória. Trabalhando juntos, fortalecidos por Seu Espírito, poderemos todos alcançar os nossos alvos de Colheita 90.

Os Embaixadores do Céu

Eles invadiram todas as províncias do vasto império romano para transmitir uma estranha mensagem. Sua história comovente, com episódios de destacada coragem e heroísmo, prende-nos a atenção do começo até o fim.

Este livro faz sucesso em vários países do mundo tendo vendido milhões de cópias. Você não pode perder a oportunidade de adquiri-lo.



Casa Publicadora Brasileira
Caixa Postal 34 — Fone (0152) 51-2710
CEP 18270 — Tatuí, SP.

Cantar é Com a Gente Mesmo!

Toda a força da juventude adventista explode nestes belos cânticos. *Louvor Jovem* tem sabor de mocidade, aroma de mocidade e som de mocidade. Quem é jovem, quer na idade quer no espírito, não pode deixar de adquiri-lo.

No SELS tem!

